

Modelos Funcionais Baseados no Uso

A construcionalização de ‘a gente’ no Português Brasileiro: uma abordagem da Linguística Centrada no Uso

Bruna das Graças Soares Aceti

RESUMO: A tese explicitará o que determinou a construcionalização de “a gente” (artigo + substantivo) cristalizada na construção pronominal de primeira pessoa “a gente” no português brasileiro, sob o ponto de vista da Linguística Centrada no Uso, a partir de uma amostra composta por peças teatrais do século XVI ao XX na modalidade escrita da língua, e como se deram as mudanças construcionais até o último século. O estudo levará em conta a Linguística Centrada no Uso por concebermos que há fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que, juntos com a cognição humana, atuam na mudança de “(a) gente” (categoria de substantivo) para “a gente” (categoria de pronome). Os objetivos serão: (i) realizar o percurso histórico da construção “(a) gente” (artigo + substantivo) para “a gente”; (ii) observar os contextos críticos do fenômeno; (iii) verificar as causas da pronominalização de “a gente”; (iv) investigar se “a gente” é um exemplo de construcionalização “pura” sem analogia ou se envolve analogia; (v) analisar a gramaticalização da construção como extensão semântico-pragmática; (vi) evidenciar o papel da frequência de uso no processo de mudança; (vii) relacionar os processos de mudanças envolvidos com os processos cognitivos gerais; e (viii) relacionar os resultados da análise do gênero “peças teatrais” com outros gêneros.

Os dados serão codificados e analisados qualitativa e quantitativamente. Utilizaremos o programa estatístico SPSS a fim de obtermos a frequência de ocorrência de “a gente”, bem como sua frequência de tipo, através dos fatores: (a) função sintática de “a gente”, (b) tempo verbal e (c) tipo verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Centrada no Uso, Construcionalização, Gramaticalização

ABSTRACT: The thesis will explain what determined the constructionalization of “a gente” (article + noun) crystallized in the construction of the first person pronoun “a gente” in Brazilian Portuguese, from the point of view of the Usage-Based model, through theatrical plays from the sixteenth to the twentieth century in written language, and how the constructional changes occurred until the last century. The study will consider the Usage-Based Linguistics by understanding that there are syntactic-semantic and discourse-pragmatic factors that, together with human cognition, work in the change of “(a) gente” (noun) to “a gente” (pronoun). The objectives are: (i) carry out the historical background of the construction “(a) gente” (article + noun) to “a gente”; (ii) observe the critical contexts of the phenomenon; (iii) determine the causes of

pronominalization of "a gente"; (iv) investigate whether "a gente" is an example of "pure" constructionalization without analogy or if it engages analogy; (v) analyze the grammaticalization of the construction and the semantic-pragmatic extension; (vi) highlight the frequency of use in the change process; (vii) relate the change processes involved with general cognitive processes; and (viii) relate the results of the analysis of the gender (theatrical plays) with other ones.

The data will be coded and analyzed qualitative and quantitatively. I will use the software SPSS to obtain the type frequency as well as the token frequency through the factors: (a) syntactic function of "a gente", (b) tense and (c) verbal type.

KEYWORDS: Used-Based Linguistics, Constructionalization, Grammaticalization

Introdução

O objetivo deste trabalho¹ é explicitar o que determinou o processo de construcionalização de “a gente” (artigo + substantivo) cristalizado na construção pronominal de primeira pessoa “a gente” no português brasileiro, sob o ponto de vista da *Linguística Centrada no Uso*². Utilizarei uma amostra composta por peças teatrais, na modalidade escrita da língua, desde o século XVI, como em “Diálogo sobre a Conversão do Gentio”, de Pe. Manuel da Nóbrega (1558): “*Nogueira: (...) outros adoravam os bois e vaquas, e outros adoravam por deus e outras imundicias; e os judeus, que eram **a gente** de mais rezão que no mundo avia*”, ao XX, como em “A Revolta da cachaça”, de Antonio Callado (1959): “*Dadinha: Você se quiser não acredite, mas eu só achei que você era crioulo quando **a gente** se conheceu, antes de aparecer o Vito*”.

O tema deste projeto justifica-se, especialmente, pela necessidade de descobrir alguns pontos não antes questionados nos trabalhos sobre o fenômeno. Busca-se, portanto, explicar, na tese, quais e como foram os contextos críticos³ e ambíguos (cf. TRAUGOTT, 2013) que propiciaram o surgimento da construção pronominal "a gente" no português brasileiro; o porquê de a forma "gente" ter sido o substantivo escolhido, dentre outros com semântica semelhante, como, por exemplo, “pessoas” e “mundo”; e, ainda, se a construção

¹ Apresento parte do meu projeto de doutorado, utilizado no Processo de Seleção para o curso de Pós-Graduação em Linguística- 2014.

² Devido à aproximação entre a Linguística funcionalista norte-americana e a Gramática das Construções (GOLDBERG, 2006), na vertente da Linguística Cognitiva, utilizo o termo “Linguística Centrada no Uso” (Tradução de Bybee, 2010: “Usage-based model”).

³ Entende-se por “contexto crítico” aquele contexto diferente (marcado) dos usos mais frequentes ou atípicos pragmática e distribucionalmente.

"a gente" foi formada via analogia (processo básico para FISCHER, 2009) ou se seria um caso de gramaticalização pura, sem analogia (HASPELMATH, 1998 e LEHMANN, 2004 citados por TRAUGOTT, 2013). Há também a necessidade de descobrir se a frequência de uso teve papel crucial na formação da nova construção "a gente", visto que, para Bybee (2003, 2010), a frequência é o fator primário que contribui para a gramaticalização de novas construções e não apenas para o resultado da mesma.

Assim, a pesquisa terá como objetivos gerais: (i) realizar o percurso histórico da construção "(a) gente" (artigo + substantivo) para "a gente", indicando a mudança de substantivo para pronome; (ii) observar os contextos críticos desse fenômeno, ou seja, os contextos diferentes que levaram o leitor/ouvinte a dar uma nova interpretação ao uso; (iii) verificar as possíveis causas da pronominalização da forma "a gente"; (iv) investigar se a construção "a gente" é um exemplo de construcionalização gramatical "pura" sem analogia ou se envolve analogia (HASPELMATH, 1998 e LEHMANN, 2004); (v) analisar a gramaticalização da construção como extensão⁴, que inclui expansão de uso no campo semântico-pragmático, sintático e colocacional; (vi) evidenciar o papel da frequência de uso no processo de mudança (BYBEE, 2003, 2010), observando o aumento da frequência de tipo e de ocorrência da construção; (vii) relacionar os processos de mudanças envolvidos no fenômeno em questão com os processos cognitivos gerais, sobretudo o *chunking*, segundo Bybee (2010), e (viii) relacionar os resultados da análise do gênero "peças teatrais" com outros gêneros (cf. LOPES, 2003).

Para cada objetivo, tem-se as seguintes **hipóteses**: (a) deve haver uma relação histórica entre a forma "(a) gente" (artigo + substantivo) e a construção "a gente" (pronome); (b) provavelmente, os primeiros usos do artigo "a" com o substantivo "gente" favoreceram o surgimento da construção pronominalizada "a gente", em contextos críticos (pragmática e distribucionalmente). Deve haver algo de diferente no contexto que levou o ouvinte/leitor a dar uma nova interpretação a essa construção; (c) a perda da subespecificação dos traços formais de número e gênero; o ganho da subespecificação semântico-discursiva; a manutenção da pessoa formal e mudança da pessoa semântica na

⁴ De acordo com Himmelmann (2004).

pronominalização de “a gente” podem ter sido as causas do processo evolutivo de “(a) gente” para “a gente” (cf. LOPES, 2003); (d) a construção “a gente” deve ter sido oriunda de um processo de construcionalização gramatical “pura”, isto é, sem analogia, uma vez que não houve um padrão que levasse ao surgimento dessa nova construção por analogia; (e) sentidos concretos e específicos, ao entrarem no processo de gramaticalização, tornam-se mais abstratos e generalizados, apropriados em um número crescente de contextos (BYBEE, 2003). Assim, o uso inclusivo do “a gente” (eu + você(s)), que é mais concreto e específico, deve se abstratizar, tornando-se mais genérico em certos contextos, como os usos: pseudo-inclusivo (eu + você(s) hipotético e/ou outro(s) hipotético) e virtual (eu virtual + você(s) e/ou outro(s)) (cf. FERRARI e FONTES, 2010); (f) de acordo com Bybee (2003; 2010), o aumento da frequência de uso de uma estrutura linguística pode contribuir para a gramaticalização. A frequência de uso do substantivo “gente” com formas sintáticas que apresentavam o traço feminino (*toda a gente da aldeia ficou arrasada*)⁵ pode ter levado à gramaticalização da forma cristalizada “a gente”; (g) sequências que são usadas juntas tendem a formar unidades linguísticas complexas. A repetição frequente da estrutura “a” + “gente” pode ter feito com que ela fosse entendida como um único bloco cognitivo. Assim, duas palavras (a + gente) passam a ser representadas juntas quando este contexto se gramaticaliza, formando um *chunk*; (h) Deve haver diferenças entre os resultados encontrados na amostra das peças de teatro e de outros gêneros textuais (neste último caso, gêneros estudados por outros autores, como Lopes (2003)). Os gêneros que apresentam registros mais informais devem trazer os contextos que iniciaram a construcionalização de “a gente”.

1. Linguística Centrada no Uso

Devido à aproximação com as pesquisas das ciências cognitivas, a abordagem funcionalista americana foi chamada *Linguística Centrada no Uso*⁶ por conceber o sistema linguístico do falante como baseado especialmente no

⁵ Exemplo retirado de Lopes (2004 p.56).

⁶ Em Bybee (2010 p.195): Usage-based theory developed directly out of, and is in a sense just a new name for, American functionalism, which has been practiced for many decades (NOONAN, 1998).

uso. O sistema linguístico é, assim, criado através da experiência, portanto, a frequência de ocorrências é muito importante para o uso de novas estruturas e seu funcionamento.

Bybee (2010 p.2) explica que, como as línguas exibem regularidade e variação, uma teoria linguística precisa levar em conta processos dinâmicos que criam as línguas e fazem delas sistemas adaptativos complexos. A língua exibe, ainda, gradiência (transição), que, segundo a autora, é uma mudança gradual que acaba dificultando a distinção entre as categorias linguísticas. Devido a isso, Bybee postula habilidades cognitivas gerais que são responsáveis pela formação de novas estruturas na gramática das línguas. Tais processos da cognição humana serão explicitados mais adiante, neste projeto, e levados em consideração, na tese, para explicar o surgimento da construção de pronome “a gente” no sistema da língua portuguesa. Assim, neste trabalho, cujo objetivo é estudar a construcionalização do pronome “a gente”, acredito que a gradiência é responsável pela mudança que levou ao surgimento desse pronome. Antes da construcionalização, o elemento “a” era substituído pelos pronomes *aquela* (*aquela gente*), *toda* (*toda gente*), *minha* (*minha gente*), porém, após passar pelo processo de mudança, o uso com “a” se fixou, levando à perda do seu valor de artigo.

O trabalho utilizará os fundamentos teóricos da Linguística Centrada no Uso, que une a frequência de uso das formas linguísticas a fatores cognitivos para explicar os aspectos sintático-semânticos do sistema linguístico. Esta pesquisa será de cunho funcionalista, advinda dos trabalhos de gramaticalização, bem como de estudos de gramática das construções (GOLDBERG, 2006), desenvolvidos pela Linguística Cognitiva.

2. Construcionalização Gramatical

Traugott e Trousdale (2013) propõem repensar o que sabemos sobre mudança, usando o modelo da gramática de construção e apresentam alguns pontos que precisam ser levados em consideração numa abordagem cujo foco se dá na construcionalização gramatical e na gramaticalização. Para isso, explicam a visão construcional de mudança e distinguem diferentes tipos de mudanças construcionais.

Os autores postulam que há dois tipos de mudanças que envolvem as construções: (a) mudanças construcionais, que afetam subcomponentes de uma construção e (b) construcionalização, mudança em que novas combinações de signos são criadas a partir de uma sequência de pequenos passos de reanálises da forma e da função. Dessa forma, posso dizer que na história de “a gente” houve tanto construcionalização como mudanças construcionais. Com relação à construcionalização, a forma “gente”, na construção “a gente” gramaticalizada, não possui mais os sentidos de raça, povo etc, mas designa a primeira pessoa do discurso ao ter o artigo definido anteposto ao “gente”; já com relação às mudanças construcionais, os subcomponentes da construção são afetados, como, por exemplo, na semântica (*gente* “grupo de pessoas, povo” > *a gente* “eu + pessoas do discurso”), na sintaxe (*gente* “substantivo” > *a gente* “pronome”) e na morfologia (*gente* > *a* “artigo” *gente*).

Os autores explicam que há micro-passos no processo de mudança, que incluem inovação, isto é, quando o ouvinte interpreta um constructo e o analisa de um modo diferente do falante. Além disso, o ouvinte, ao reanalisar o constructo, cria uma conexão entre ele e uma parte nova da rede construcional, se tornando falante e o reutilizando, assim, com um novo significado. Neste estágio, não há nova micro-construção, pois a nova forma associada à reanálise do constructo não é convencionalmente associada ao novo significado.

Após essa etapa, ocorre convencionalização, que se inicia quando outros ouvintes passam por casos parecidos. Como resultado de associações repetidas, os falantes concordam com a relação convencional entre a forma original e o novo significado. No entanto, a construcionalização apenas ocorre quando alguns ouvintes reanalisam a forma morfossintática dos constructos. Quando há reanálises morfossintática e semântica, que são compartilhadas entre falantes e ouvintes em uma rede social, uma nova micro-construção é adicionada à rede por conta de uma nova unidade simbólica convencional. Então, um novo tipo é criado (construcionalização). Partindo dessas ideias, demonstrarei, na tese, como se deu a construcionalização de “a gente”.

3. Amostra e Metodologia

Neste trabalho, coletarei e analisarei qualitativa e quantitativamente as orações que apresentam a expressão construcionalizada “a gente” em uma amostra de língua escrita informal, cujo gênero discursivo é o texto teatral. Assim, para uma análise diacrônica que dê conta do surgimento da construção pronominal “a gente”, utilizarei textos escritos do teatro do século XVI, a saber: *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1558), de Pe. Manuel da Nóbrega; *Auto de Santiago* (1564), de Afonso Álvares; e *Na Festa de São Lourenço*⁷, (1583), de Pe. José de Anchieta. Abaixo estão alguns exemplos:

(1) *“Grã fantasia dequeste cristão / certo box otros **gente** maldita. / Não saber box que em nostra mexquita / xentar a Mafoma de Alá d’Alcorão?”*

(“Auto de Santiago”)

(2) *“Por isso és sujo e enlameias / tudo com teu negro rabo. / Veremos como pateias / no fogo que **a gente** ateia.”*

(“Auto de São Lourenço”)

No entanto, utilizarei para a análise sincrônica dados do século XX, quando a construção “a gente”, já gramaticalizada, foi implementada no sistema pronominal do português. Os dados serão extraídos do Teatro Negro de Antonio Callado, composto por quatro peças teatrais, a saber: “Pedro Mico⁸”, escrita em 1957; “O tesouro de Chica da Silva”, em 1958; “A Revolta da Cachaça”, 1959 e “Uma rede para Iemanjá”, 1961. Abaixo há exemplos retirados da amostra do século XX, que servirão como dados para a futura pesquisa:

(3) *“Aparecida: – Escuta, Pedro, quer dizer que a polícia não está atrás de você por nenhum crime de morte.*

*Mico: – Não, mas **a gente** tem umas contas velhas pra acertar.”*

(“Pedro Mico”; p.58)

(4) *“Pai do Juca: – Certeza? Tinha lembranças, tinha sabença do jeito do meu Juca, ora! Quando ele pisava na praia de calção, cinturão de lona e camisa de meia*

⁷ Também conhecido por *Auto de São Lourenço*.

⁸ Pedro Mico é uma das mais importantes obras de Antonio Callado. Peça em um ato, cuja ação transcorre em uma favela do Rio de Janeiro nos anos 50.

branca, a gente estava vendo logo que não tinha homem para aguentar um esbarrão daquilo.”

(“Uma rede para Iemanjá”; p.22)

Os dados serão codificados e analisados quantitativa e qualitativamente. Utilizarei o programa estatístico SPSS⁹ a fim de obter a frequência de ocorrência da construção “a gente” bem como de sua frequência de tipo, através da análise dos seguintes fatores: (a) função sintática de “a gente”; (b) tempo verbal; e (c) tipo de verbo.

Considerando a expansão semântico-pragmática de acordo com Himmelmann (2004), segundo a qual uma forma em gramaticalização assume polissemias em diferentes contextos e, somando a isso a visão de Bybee (2003), de que sentidos concretos e específicos, ao entrarem no processo de gramaticalização, tornam-se mais abstratos e generalizados, em um número crescente de contextos, acredito que o fenômeno em estudo, “a gente”, ao se gramaticalizar, passou por expansão semântico-pragmática, isto é, desenvolveu novas polissemias em novos contextos, podendo ser usado como forma inclusiva, genérica, exclusiva, pseudo-inclusiva ou virtual (cf. FERRARI e FONTES, 2010). Por isso, irei observar tais usos na tese.

4. Considerações Finais

Esta pesquisa trará **contribuição para o estudo da língua portuguesa**, uma vez que permitirá o leitor conhecer a história dessa língua e, mais especificamente, as mudanças ocorridas no seu sistema pronominal. Em termos teóricos, o estudo do pronome “a gente” muito **contribuirá para a Linguística**, principalmente, para a Linguística Centrada no Uso, que, para explicar um fenômeno de mudança linguística, leva em conta a frequência e os usos das formas da língua atrelados a fatores cognitivos. Pretendo **contribuir também para as pesquisas com abordagem na Gramática de construções**, que considera todo elemento linguístico uma construção, uma vez que parecia forma e significado.

⁹ Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) é um software aplicativo de tratamento estatístico de dados.

REFERÊNCIAS

1. BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: B. D. Joseph and J. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003. p. 602-623.
2. _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
3. CALLADO, A. *Pedro Mico: teatro negro*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
4. _____. *A revolta da cachaça: teatro negro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
5. _____. *Uma rede para Iemanjá: teatro negro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
6. _____. *O tesouro de Chica da Silva: teatro negro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
7. FERRARI, L.; FONTES, V. *Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada "a gente" como categoria radial*. Revista Linguística. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010.
8. FISCHER, O. *Grammaticalization as analogically driven change?* Vienna English Working Papers 18(2): 3-23. 2009.
9. GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
10. HIMMELMANN, N. P. *Lexicalization and Grammaticalization: Opposite or orthogonal?* In: Bisang Himmelmann & Wiemer (ed.), 2004.
11. LOPES, C. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v. 18. p. 174.
12. TRAUOGOTT, E. *Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar. Edited by Elena Smirnova Jóhanna Bardal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer. March, 2, 2013.
13. TRAUOGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.